

Vale a versão proferida

INTERVENÇÃO DO MINISTRO DO AMBIENTE E DA AÇÃO CLIMÁTICA

Lançamento do projeto MadoquaPower2X

Sines

10h30, 22 de abril de 2022

Senhor Primeiro-Ministro

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Sines

Senhora Embaixadora da Dinamarca

Senhora Embaixadora dos Países Baixos

Os meus outros colegas do Governo, caros Bernardo Ivo Cruz e João Galamba

Representantes do projeto Madoqua

Senhoras e senhores,

Se há uns meses a produção de hidrogénio e amónia verdes eram relevantes, hoje, são cruciais.

Se há uns meses eram produtos importantes para a independência energética nacional, hoje, são determinantes para a soberania nacional e europeia.

Se há uns meses eram mais uma – e importante – atividade económica em território nacional, hoje, são uma atividade estratégica.

Se há uns meses eram determinantes para a descarbonização, hoje, mantém essa importância central na nossa estratégia de sustentabilidade ambiental dos processos industriais.

A invasão da Ucrânia mostrou a fragilidade da Europa em relação ao setor energético. A dependência do gás russo é um garrote à nossa atividade económica e alvo de uma chantagem inaceitável de um regime ditatorial. É uma ameaça à segurança na Europa.

Depender menos é, por isso, essencial para fortalecer a Democracia e para proteger a Liberdade. Depender menos, aqui e hoje, é produzir, sem emissões ou com um mínimo de emissões, os combustíveis do futuro.

O aumento das emissões de gases com efeito de estufa, apaziguado pela pandemia, regressou ou ultrapassou os níveis pré-pandémicos. Como nos confirma o recente relatório do Painel

Intergovernamental para as Alterações Climáticas, não estamos numa trajetória de cumprimento do objetivo do Acordo de Paris de limitar o aumento da temperatura média mundial, face aos níveis pré-industriais, a 1,5 graus centígrados.

Apesar das evidências de uma crescente mobilização para a ação climática, este relatório mantém a tônica na urgência de atuação, com medidas concretas nos próximos três anos. Alerta, ainda, para os efeitos devastadores de um aumento da temperatura acima do limiar estabelecido em Paris.

Urge, por isso, descarbonizar a mobilidade e as cidades. Temos de reinventar a indústria. Temos e devemos salvaguardar a biodiversidade e os serviços de ecossistemas, preservando o equilíbrio das nossas florestas e dos oceanos. É um imperativo civilizacional e é uma urgência.

Temos, por isso, de cumprir as exigentes metas a que nos propusemos. Atingir a neutralidade Carbónica em Portugal obriga-nos a uma redução de emissões superior a 85%, até 2050, e ao aumento da capacidade de sequestro de carbono.

É a missão da nossa geração. É a missão da nossa existência. É, também, a missão que mais nos fará crescer do ponto de vista económico, segundo todos os cenários prospetivos.

Senhoras e senhores,

Nesta data em que se celebra o Dia Internacional da Terra e em que passa um ano sobre o acordo que permitiu a aprovação da Lei Europeia do Clima, é oportuno lembrar que, em boa hora, Portugal apostou nas energias renováveis como o alfa e o ómega da sua política energética. Não temos petróleo nem gás natural e queremos usá-los o menos possível. Temos, em contrapartida, vento, água, sol e uma zona económica exclusiva que nos providenciam os recursos de que precisamos para atingir, a prazo, a nossa independência energética.

Produz-se hidrogénio, há muitos anos, em muitos locais do mundo. É um gás essencial aos processos industriais e que pode substituir a gás natural nos consumos energéticos intensivos. Mas o que se produz é hidrogénio cinzento, ou seja, hidrogénio que nasce de emissões.

Ora, em poucos locais como em Portugal temos condições para produzir hidrogénio sustentável, o chamado “hidrogénio verde”. Com os mais baixos preços de produção de eletricidade a partir da energia solar (ainda recentemente se bateu mais um recorde mundial num leilão para a produção a partir de painéis solares flutuantes) podemos separar aqui, em Portugal, os átomos de oxigénio dos de hidrogénio sem emissões.

Sines é o local certo – mas não é o único, em Portugal – para estes investimentos. Dispõe de um porto atlântico de águas profundas, com capacidade sobrança e em expansão. Tem mão-de-obra qualificada e habituada a trabalhar em processos energéticos complexos. Possui terrenos infraestruturados para a atividade industrial. Conta com uma rede moderna de gasodutos preparados para incorporar gases renováveis. É um importante centro de telecomunicações. Comporta um importante *cluster* de indústrias consumidoras de hidrogénio.

É por isso, com naturalidade, que assistimos à escolha de Sines para a realização deste importante investimento.

O projeto **MadoquaPower2X** tem um impacto de cerca de mil milhões de euros, para instalar 500 MegaWatts de capacidade de produção de hidrogénio verde e 500.000 toneladas de amónia verde por ano, evitando a emissão de mais de 600.000 toneladas de dióxido de carbono e criando mais de 200 empregos.

O hidrogénio aqui produzido poderá ser usado pela indústria local ou processado para a criação de amónia verde exportada a partir do terminal do porto de Sines. A eletricidade será obtida sobretudo a partir de comunidades de energia renovável com parques eólicos e solares que serão desenvolvidas em paralelo.

É um projeto, portanto, alinhado com os nossos objetivos. Descarbonizado. Qualificado. Estratégico. De e com valor.

Senhoras e senhores,

O nosso otimismo não é gratuito. Temos evidências de que Sines se tornará, numa década, num importante *hub* europeu de produção de energia e de gases renováveis. Além deste projeto, cujo início nos honramos, hoje, de aqui assinalar, temos identificados quase mais uma dezena, na área dos gases e das energias renováveis.

Para a centralidade de Sines nesta nova geometria internacional – e para a segurança da Europa – é necessário, ainda, que um novo gasoduto ligue a frente atlântica portuguesa ao resto da Europa. A inscrição, nas conclusões do último Conselho de Energia, da necessidade de estudar esta ligação, que pode ser para gás natural, primeiro, e para gases renováveis, depois, permite-nos algum otimismo em relação a esta matéria. É um projeto importante para Portugal? Claro. Contudo, é, também e sobretudo, crucial para a segurança energética da Europa, face à instabilidade na fronteira leste da União.

Se cabe à Europa assegurar as condições para a realização destes investimentos estratégicos, não é menos certo que cabe ao Governo português garantir a conjuntura adequada para que outros projetos desta natureza floresçam.

No âmbito do Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso de Recursos, em 2021, foram mobilizados 40 milhões de euros destinados a apoiar projetos de produção de gases de origem renovável.

O balanço deste aviso é muito positivo: foram aprovadas 13 candidaturas correspondentes a um investimento total de 62,3 milhões de euros.

Também superou as nossas expectativas o segundo programa que lançámos, ao abrigo do Plano de Recuperação e Resiliência. Foram recebidas 40 candidaturas de norte a sul do país, que representam um investimento total de 380 milhões de euros e uma capacidade instalada de 128 MegaWatts. Decorre neste momento o período de avaliação dos projetos, que, estou certo, aportarão resiliência e inovação ao nosso setor energético.

Também no âmbito do PRR insere-se outro importante programa, o das agendas e alianças verdes, que concitou as manifestações de interesse com mais peso do ponto de vista económico. No decorrer deste processo, das 70 Agendas selecionadas constam oito que estão direta e indiretamente relacionadas com o hidrogénio renovável e que representam um investimento de 2,8 mil milhões de euros.

Sim, senhoras e senhores, há mesmo boas razões para estar otimista. Em Sines, hoje, estamos a construir a economia do futuro, sustentável, qualificada e regeneradora de recursos.

Obrigado.